UNE ✦ SACRA

Islã

Libertação do Erro

✦ ✦ ✦

Al-Ghazali (1058–1111)

Tradução (edição 1)

Créditos

Autor	Al-Ghazali (1058–1111)
Data	c. 1100
Idioma original	Árabe
Versão	Tradução (edição 1)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Claud Field
Fonte	Project Gutenberg — eBook nº 58977
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Libertação do Erro (al-Munqidh min al-Dalal) é a autobiografia espiritual de Abu Hamid al-Ghazali (1058–1111), o teólogo mais influente do Islã sunita.

Professor famoso em Bagdá, ele conta como foi tomado pela dúvida sobre tudo o que sabia, examinou os teólogos, os filósofos e os que diziam ter um mestre infalível, e entrou numa crise tão grave que perdeu a voz.

Deixou a cátedra, viveu onze anos como asceta em Damasco, Jerusalém e Meca, e encontrou no sufismo a certeza que procurava.

Escrito por volta de 1100, o livro é comparado às Confissões de Agostinho. A versão inglesa é a de Claud Field (1863–1941), publicada em Londres em 1909 com o título "The Confessions of Al Ghazzali".

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/58977

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

A Busca de Ghazali pela Verdade

Os Subterfúgios dos Sofistas

Os Diferentes Tipos de Buscadores da Verdade

O Objetivo da Teologia Escolástica e seus Resultados

A Respeito das Seitas Filosóficas e do Estigma de Infidelidade que Recai sobre Todas Elas

Divisões das Ciências Filosóficas

Sufismo

A Realidade da Inspiração: sua Importância para o Gênero Humano

A BUSCA DE GHAZALI PELA VERDADE

✦

"Em nome de Deus, o Mais Misericordioso."

Disse o Imame Ghazali:

Glória a Deus, Cujo louvor deve preceder todo escrito e todo discurso! Que as bênçãos de Deus repousem sobre Maomé, Seu Profeta e Seu Apóstolo, sobre sua família e companheiros, por cuja orientação o erro é evitado!

Pediste-me, ó irmão na fé, que expusesse o objetivo e os mistérios das ciências religiosas, os limites e as profundezas das doutrinas teológicas. Desejas conhecer minhas experiências enquanto desembaraçava a verdade perdida na mistura de seitas e divergências de pensamento, e como osei escalar dos níveis baixos da crença tradicional até o topo mais alto da certeza.

Desejas saber o que tomei emprestado, em primeiro lugar, da teologia escolástica; e, em segundo lugar, do método dos talimitas, que, ao buscar a verdade, apoiam-se na autoridade de um líder; e por que, em terceiro lugar, fui levado a rejeitar os sistemas filosóficos; e, finalmente, o que aceitei da doutrina dos sufis e a soma total da verdade que reuni ao estudar toda variedade de opinião.

Perguntas-me por que, depois de renunciar em Bagdá a um cargo de ensino que atraía um grande número de ouvintes, aceitei, muito tempo depois, um cargo semelhante em Nixapur. Convencido como estou da sinceridade

que motiva tuas perguntas, passo a respondê-las, invocando a ajuda e a proteção de Deus.

Saibam, pois, meus irmãos (que Deus vos dirija no caminho certo), que a diversidade nas crenças e religiões, e a variedade de doutrinas e seitas que dividem os homens, são como um oceano profundo repleto de naufrágios, do qual muito poucos escapam sãos e salvos.

Cada seita, é verdade, julga-se de posse da verdade e da salvação, "cada facção", como diz o Alcorão, "se alegra com seu próprio credo"; mas, como o chefe dos apóstolos, cuja palavra é sempre verdadeira, nos disse: "Meu povo será dividido em mais de setenta seitas, das quais apenas uma será salva." Esta predição, como todas as outras do Profeta, deve cumprir-se.

Desde o período da adolescência, isto é, antes de atingir meus vinte anos, até o presente momento, em que passei dos cinquenta, aventurei-me neste vasto oceano; sondei destemidamente suas profundezas e, como um mergulhador resoluto, penetrei em sua escuridão e desafiei seus perigos e abismos.

Interroguei as crenças de cada seita e escrutinei os mistérios de cada doutrina, a fim de desembaraçar a verdade do erro e a ortodoxia da heresia. Nunca encontrei quem sustentasse o sentido oculto do Alcorão sem investigar a natureza de sua crença, nem um partidário de seu sentido exterior sem indagar os resultados de sua doutrina.

Não há filósofo cujo sistema eu não tenha sondado, nem teólogo cujos meandros da doutrina eu não tenha seguido.

O sufismo não tem segredos nos quais eu não tenha penetrado; o devoto adorador da Divindade me revelou o objetivo de suas austeridades; o ateu não foi capaz de me ocultar a verdadeira razão de sua incredulidade. A sede de conhecimento era inata em mim desde a tenra idade; era como uma segunda natureza implantada por Deus, sem qualquer vontade de minha parte. Tão logo emergi da infância, já havia quebrado os grilhões da tradição e me libertado das crenças hereditárias.

Tendo notado quão facilmente os filhos dos cristãos se tornam cristãos, e os filhos dos muçulmanos abraçam o islamismo, e lembrando também o dito tradicional atribuído ao Profeta: "Toda criança traz em si o germe do islamismo; depois seus pais a tornam judia, cristã ou zoroastrista", fui movido por um intenso desejo de aprender qual era essa disposição inata na criança, a natureza das crenças acidentais impostas a ela pela autoridade de seus pais e de seus mestres e, finalmente, as convicções não raciocinadas que ela deriva de suas instruções.

Impressionado com as contradições que encontrei ao tentar desembaraçar a verdade e a falsidade dessas opiniões, fui levado a fazer a seguinte reflexão: "Sendo a busca pela verdade o objetivo a que me proponho, devo, em primeiro lugar, verificar quais são as bases da certeza."

Em seguida, reconheci que a certeza é o conhecimento claro e completo das coisas, tal conhecimento que não deixa espaço para dúvida nem possibilidade de erro e conjetura, de modo que não reste espaço na mente para que o erro encontre entrada.

Nesse caso, é necessário que a mente, fortificada contra toda possibilidade de se extraviar, abrace uma convicção tão forte que, se, por exemplo, al-

guém possuidor do poder de transformar uma pedra em ouro, ou um bastão em serpente, buscasse abalar as bases dessa certeza, ela permaneceria firme e inabalável.

Suponha-se, por exemplo, que um homem viesse e dissesse a mim, que estou firmemente convencido de que dez é mais do que três: "Não; pelo contrário, três é mais do que dez e, para prová-lo, transformo este bastão em uma serpente", e supondo que ele realmente o fizesse, eu permaneceria não menos convencido da falsidade de sua afirmação e, embora seu milagre pudesse despertar meu espanto, não incutiria dúvida alguma em minha crença.

Compreendi então que todas as formas de conhecimento que não reúnem essas condições (impermeabilidade à dúvida, etc.) não merecem nenhuma confiança, porque não estão além do alcance da dúvida, e o que não é inexpugnável à dúvida não pode constituir certeza.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS SUBTERFÚGIOS DOS SOFISTAS

✦

Examinei então que conhecimento eu possuía e descobri que em nenhum dele, com exceção das percepções sensoriais e dos princípios necessários, eu desfrutava daquele grau de certeza que acabo de descrever.

Refleti então tristemente da seguinte maneira: "Não podemos esperar encontrar a verdade a não ser em matérias que carregam sua evidência em si mesmas — isto é, nas percepções sensoriais e nos princípios necessários; devemos, portanto, estabelecê-los sobre uma base firme. Minha confiança absoluta nas percepções sensoriais e na infalibilidade dos princípios necessários é análoga à confiança que eu possuía anteriormente em matérias cridas pela autoridade alheia? É apenas análoga à confiança que a maioria das pessoas deposita em seus órgãos de visão, ou é rigorosamente verdadeira, sem mistura de ilusão ou dúvida?"

Dediquei-me então seriamente a examinar as noções que derivamos da evidência dos sentidos e da visão, a fim de ver se elas poderiam ser postas em questão. O resultado de um exame cuidadoso foi que minha confiança neles ficou abalada.

Nossa visão, por exemplo, talvez o mais praticado de todos os nossos sentidos, observa uma sombra e, achando-a aparentemente estacionária, declara-a desprovida de movimento. A observação e a experiência, porém, mostram posteriormente que a sombra se move — não subitamente, é verdade, mas gradual e imperceptivelmente, de modo que nunca está realmente imóvel.

Outra vez, o olho vê uma estrela e a julga tão grande quanto uma moeda de ouro, mas cálculos matemáticos provam, pelo contrário, que ela é maior do que a Terra. Essas noções, e todas as outras que os sentidos declaram verdadeiras, são posteriormente contraditas e convencidas de falsidade de maneira irrefragável pelo veredito da razão.

Então refleti comigo mesmo: "Já que não posso confiar na evidência dos meus sentidos, devo apoiar-me apenas em noções intelectuais baseadas em princípios fundamentais, tais como os seguintes axiomas: 'Dez é mais do que três. A afirmação e a negação não podem coexistir juntas. Uma coisa não pode ser ao mesmo tempo criada e também existente desde a eternidade, viva e aniquilada simultaneamente, a um só tempo necessária e impossível.'"

A isso as noções que derivei dos meus sentidos fizeram as seguintes objeções: "Quem pode te garantir que podes confiar na evidência da razão mais do que na dos sentidos? Acreditaste em nosso testemunho até que ele foi contradito pelo veredito da razão; de outro modo, terias continuado a acreditar nele até o dia de hoje. Pois bem, talvez haja acima da razão outro juiz que, se aparecesse, convenceria a razão de falsidade, assim como a razão nos refutou. E se tal terceiro árbitro ainda não é aparente, não se segue que ele não exista."

Diante desse argumento, permaneci algum tempo sem resposta; uma reflexão tirada dos fenômenos do sono aprofundou minha dúvida. "Não vés", refleti, "que, enquanto dormes, supões que teus sonhos sejam indiscutivelmente reais? Uma vez acordado, tu os reconheces pelo que são — quimeras sem fundamento. Quem pode te assegurar, então, a confiabilidade das no-

ções que, acordado, derives dos sentidos e da razão? Em relação ao teu estado atual, elas podem ser reais; mas é possível também que entres em outro estado de ser que guardará a mesma relação com o teu estado atual que este guarda com a tua condição quando dormes. Nessa nova esfera, reconhecerás que as conclusões da razão são apenas quimeras."

Essa condição possível é, talvez, aquela a que os sufis chamam "êxtase" ("hāl"), isto é, segundo eles, um estado no qual, absorvidos em si mesmos e na suspensão das percepções sensoriais, têm visões além do alcance do intelecto. Talvez também a Morte seja esse estado, segundo aquele dito do Príncipe dos profetas: "Os homens estão adormecidos; quando morrem, acordam."

Nossa vida presente em relação ao futuro é talvez apenas um sonho, e o homem, uma vez morto, verá as coisas em oposição direta àquelas agora diante de seus olhos; ele compreenderá então aquela palavra do Alcorão: "Hoje removemos o véu de teus olhos e tua visão é penetrante."

Pensamentos como esses ameaçavam abalar minha razão, e busquei encontrar uma saída deles. Mas como? Para desatar o nó desta dificuldade, era necessária uma prova. Ora, uma prova deve basear-se em pressupostos primários, e eram precisamente estes de que eu duvidava. Esse infeliz estado durou cerca de dois meses, durante os quais fui — não, é verdade, explicitamente ou por profissão, mas moral e essencialmente — um cético radical.

Deus por fim se dignou a curar-me desta enfermidade mental; minha mente recuperou a sanidade e o equilíbrio, os pressupostos primários da razão recuperaram comigo todo o seu rigor e força. Deve a minha libertação não a um encadeamento de provas e argumentos, mas à luz que Deus fez

penetrar em meu coração — a luz que ilumina o limiar de todo conhecimento.

Supor que a certeza possa basear-se apenas em argumentos formais é limitar a misericórdia ilimitada de Deus. Alguém perguntou ao Profeta a explicação desta passagem do Livro Divino: “Deus abre ao islamismo o coração daquele a quem Ele escolhe dirigir.”

“Isso é dito”, respondeu o Profeta, “da luz que Deus derrama no coração.” “E como pode o homem reconhecer essa luz?”, perguntaram-lhe. “Por seu desapego deste mundo de ilusão e por uma secreta atração em direção ao mundo eterno”, respondeu o Profeta.

Em outra ocasião ele disse: “Deus criou Suas criaturas na escuridão e depois derramou sobre elas Sua luz.” É com a ajuda dessa luz que a busca pela verdade deve ser realizada. Como por Sua misericórdia essa luz desce de tempos em tempos entre os homens, devemos estar incessantemente atentos a ela. Isso é também corroborado por outro dito do Apóstolo: “Deus envia sobre vós, em certos momentos, sopros de Sua graça; estai preparados para eles.”

Meu objetivo neste relato é fazer com que os outros compreendam com que seriedade devemos buscar a verdade, visto que ela leva a resultados com os quais nunca sonhamos. Os pressupostos primários não têm de ser buscados, pois estão sempre presentes em nossas mentes; se nos empenharmos em tal busca, apenas descobriremos que eles escapam persistentemente ao nosso alcance.

Mas aqueles que levam sua investigação além dos limites ordinários estão a salvo da suspeita de negligência na busca daquilo que está ao seu alcance.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS DIFERENTES TIPOS DE BUSCADORES DA VERDADE

✦

Quando Deus, na abundância de Sua misericórdia, curou-me desta enfermidade, certifiquei-me de que aqueles que se dedicam à busca da verdade podem ser divididos em três grupos.

I. Teólogos escolásticos, que professam seguir a teoria e a especulação.

II. Os filósofos, que professam basear-se na lógica formal.

III. Os sufis, que se chamam a si mesmos os eleitos de Deus e possuidores de intuição e conhecimento da verdade por meio do êxtase.

"A verdade", disse comigo mesmo, "deve ser encontrada entre estas três classes de homens que se dedicam à busca por ela. Se ela lhes escapa, deve-se renunciar a toda esperança de alcançá-la. Uma vez abandonada a crença cega, é impossível retornar a ela, pois a essência de tal crença é ser inconsciente de si mesma. Assim que esta inconsciência cessa, ela se estilhaça como um vidro cujos fragmentos não podem ser reunidos de novo, a menos que sejam lançados outra vez no forno e remodelados."

Determinado a seguir estes caminhos e a pesquisar estes sistemas até o fundo, prossegui com minhas investigações na seguinte ordem: teologia escolástica; sistemas filosóficos; e, finalmente, o sufismo.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O OBJETIVO DA TEOLOGIA ESCOLÁSTICA E SEUS RESULTADOS

✦

Começando com a ciência teológica, estudei-a e meditei sobre ela cuidadosamente. Li os escritos das autoridades nesta área e eu mesmo compus vários tratados. Reconheci que esta ciência, embora satisfizesse suas próprias exigências, não podia me auxiliar a chegar ao objetivo desejado. Em suma, seu objetivo é preservar a pureza das crenças ortodoxas de toda inovação herética.

Deus, por meio de Seu Apóstolo, revelou às Suas criaturas uma crença que é verdadeira no que diz respeito aos seus interesses temporais e eternos; os principais artigos dela estão estabelecidos no Alcorão e nas tradições.

Posteriormente, Satanás sugeriu aos inovadores princípios contrários aos da ortodoxia; eles ouviram avidamente as suas sugestões, e a pureza da fé foi ameaçada.

Deus então levantou uma escola de teólogos e inspirou-os com o desejo de defender a ortodoxia por meio de um sistema de provas adaptado para desvelar os ardis dos heréticos e frustrar os ataques que eles faziam às doutrinas estabelecidas pela tradição.

Tal é a origem da teologia escolástica. Muitos dos seus adeptos, dignos de sua elevada vocação, defenderam valentemente a fé ortodoxa, provando a realidade da profecia e a falsidade das inovações heréticas.

Mas, para fazê-lo, tiveram de se apoiar em um certo número de premissas, que aceitavam em comum com seus adversários, e que a autoridade e o consentimento universal ou simplesmente o Alcorão e as tradições os obrigavam a aceitar. Seu principal esforço era expor as autocontradições de seus oponentes e confutá-los por meio das premissas que eles haviam professado aceitar.

Ora, um método de argumentação como este tem pouco valor para quem só admite verdades autoevidentes. A teologia escolástica não pôde, consequentemente, satisfazer-me nem curar a enfermidade da qual eu sofria.

É verdade que, em seu desenvolvimento posterior, a teologia não se contentou apenas em defender o dogma; dedicou-se ao estudo dos primeiros princípios, das substâncias, dos acidentes e das leis que os governam; mas, por falta de uma base completamente científica, não pôde avançar muito em suas pesquisas, nem lograr dissipar completamente a obscuridade pairante que brota das diversidades de crenças.

Não nego, porém, que ela tenha tido um resultado mais satisfatório para outros; pelo contrário, admito que teve; mas é por introduzir o princípio da autoridade em matérias que não são autoevidentes. Além disso, meu objetivo é explicar minha própria atitude mental e não disputar com aqueles que encontraram a cura para si mesmos. Os remédios variam segundo a natureza da doença; aqueles que beneficiam alguns podem prejudicar outros.

FILOSOFIA.—Até que ponto está sujeita a censura ou não—Em quais pontos seus aderentes podem ser considerados crentes ou não crentes, ortodoxos ou heréticos—O que eles tomaram emprestado da verdadeira doutrina para tornar aceitáveis suas teorias quiméricas—Por que as mentes dos

homens se desviam da verdade—Quais critérios estão disponíveis para separar o ouro puro da liga em seus sistemas.

Prossegui do estudo da teologia escolástica para o da filosofia. Estava claro para mim que, a fim de descobrir onde os professores de qualquer ramo do conhecimento erraram, deve-se fazer um estudo profundo dessa ciência; deve-se igualar, ou melhor, superar aqueles que mais sabem dela, de modo a penetrar em segredos dela que lhes são desconhecidos.

Somente por este método eles podem ser inteiramente respondidos, e deste método não consigo encontrar traço algum nos teólogos do Islã. Nos escritos teológicos dedicados à refutação da filosofia, só encontrei uma massa emaranhada de frases cheias de contradições e erros, incapaz de enganar, não digo uma mente crítica, mas até mesmo a multidão comum.

Convencido de que sonhar em refutar uma doutrina antes de tê-la compreendido profundamente era como atirar em um objeto no escuro, dediquei-me zelosamente ao estudo da filosofia; mas apenas em livros e sem o auxílio de um professor. Dediquei a este trabalho todo o tempo livre restante do ensino e da composição de obras sobre direito.

Havia então frequentando minhas palestras trezentos dos estudantes de Bagdá. Com a ajuda de Deus, estes estudos, realizados em segredo, por assim dizer, colocaram-me em condições de compreender profundamente os sistemas filosóficos no espaço de dois anos. Passei então cerca de um ano meditando sobre estes sistemas após tê-los compreendido profundamente.

Remexi-os repetidamente em minha mente até que estivessem completamente livres de toda obscuridade. Desta maneira adquiri um conheci-

mento completo de todos os seus subterfúgios e sutilezas, do que era verdade e do que era ilusão neles.

Passo agora a dar um resumo destas doutrinas. Certifiquei-me de que elas estavam divididas em diferentes variedades e que seus aderentes podiam ser classificados sob diversos cabeçalhos. Todos, a despeito de sua diversidade, estão marcados com o selo da infidelidade e da irreligião, embora haja uma diferença considerável entre os antigos e os modernos, entre os primeiros e os últimos destes filósofos, conforme tenham errado ou se aproximado da verdade em maior ou menor grau.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A RESPEITO DAS SEITAS FILOSÓFICAS E DO ESTIGMA DE INFIDELIDADE QUE RECAI SOBRE TODAS ELAS

✦

Os sistemas filosóficos, a despeito do seu número e variedade, podem ser reduzidos a três: (1) Os Materialistas; (2) Os Naturalistas; (3) Os Teístas.

(1) Os Materialistas. Eles rejeitam um Criador e Dispositor inteligente e onipotente do Universo. Em sua visão, o mundo existe desde toda a eternidade e não teve autor. O animal vem do sêmen e o sêmen do animal; assim sempre foi e sempre será; aqueles que sustentam esta doutrina são ateus.

(2) Os Naturalistas. Estes se dedicam ao estudo da natureza e dos maravilhosos fenômenos do mundo animal e vegetal. Tendo analisado cuidadosamente os órgãos animais com a ajuda da anatomia, impressionados com as maravilhas da obra de Deus e com a sabedoria nela revelada, são forçados a admitir a existência de um Criador sábio Que conhece o fim e o propósito de todas as coisas.

E certamente ninguém pode estudar a anatomia e o maravilhoso mecanismo dos seres vivos sem ser obrigado a confessar a profunda sabedoria d'Aquele Que moldou os corpos dos animais e especialmente do homem. Mas, levados por suas pesquisas naturais, eles acreditaram que a existência de um ser dependia absolutamente do devido equilíbrio de seu organismo.

Segundo eles, assim como este último perece e é destruído, assim também ocorre com a faculdade pensante que lhe está vinculada; e como afirmam que a restauração de uma coisa uma vez destruída à existência é impensável, eles negam a imortalidade da alma. Consequentemente, negam o céu, o inferno, a ressurreição e o julgamento.

Não reconhecendo nem recompensa para as boas ações nem punição para as más, eles arremessam para longe toda autoridade e mergulham em prazeres sensuais com a avidez dos brutos. Estes também deveriam ser chamados de ateus, pois a verdadeira fé depende não apenas do reconhecimento de Deus, mas de Seu Apóstolo e do Dia do Julgamento. E embora reconheçam a Deus e a Seus atributos, negam um julgamento vindouro.

(3) Em seguida vêm os Teístas. Entre eles deve ser contado Sócrates, que foi o mestre de Platão como Platão o foi de Aristóteles. Este último elaborou para seus discípulos as regras da lógica, organizou as ciências, elucidou o que antes era obscuro e expôs o que não havia sido compreendido.

Esta escola refutou os sistemas dos outros dois, isto é, dos Materialistas e dos Naturalistas; mas, ao expor suas crenças equivocadas e perversas, fizeram uso de argumentos de que não deveriam ter se servido. “Deus basta para proteger os fiéis na guerra” (Alcorão, xxxiii. 25).

Aristóteles também combateu com sucesso as teorias de Platão, Sócrates e os teístas que o antecederam, e separou-se inteiramente deles; mas não pôde eliminar de sua doutrina as manchas de infidelidade e heresia que desfiguram o ensino de seus predecessores. Devemos, por conseguinte, considerá-los a todos como não crentes, bem como os chamados filósofos muçulmanos, como Ibn Sina (Avicena) e Farabi, que adotaram seus sistemas.

Reconheçamos, porém, que entre os filósofos muçulmanos nenhum interpretou melhor a doutrina de Aristóteles do que estes últimos. O que outros transmitiram como sendo o ensino dele está cheio de erros, confusão e obscuridade adaptados para desconcertar o leitor. O ininteligível não pode ser aceito nem rejeitado.

A filosofia de Aristóteles, de cujo conhecimento sério somos todos devedores à tradução destes dois homens doutos, pode ser dividida em três partes: a primeira contém matéria justamente acusável de impiedade, a segunda está contaminada de heresia, e a terceira somos obrigados a rejeitar absolutamente. Prosseguimos para os detalhes:

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DIVISÕES DAS CIÊNCIAS FILOSÓFICAS

✦

Estas ciências, em relação ao objetivo que estabelecemos diante de nós, podem ser divididas em seis seções: (1) Matemática; (2) Lógica; (3) Física; (4) Metafísica; (5) Política; (6) Filosofia Moral.

A matemática compreende o conhecimento do cálculo, da geometria e da cosmografia: não tem conexão com as ciências religiosas e não prova nada a favor ou contra a religião; repousa sobre um fundamento de provas que, uma vez conhecidas e compreendidas, não podem ser refutadas. A matemática tende, no entanto, a produzir dois maus resultados.

O primeiro é este: Quem quer que estude esta ciência admira a sutileza e a clareza de suas provas. Sua confiança na filosofia aumenta, e ele pensa que todos os seus ramos são capazes da mesma clareza e solidez de prova que a matemática.

Mas quando ouve as pessoas falarem da incredulidade e da impiedade dos matemáticos, de seu declarado desprezo pela Lei Divina, o que é notório, é verdade que, por respeito à autoridade, ele ecoa essas acusações, mas diz a si mesmo, ao mesmo tempo, que, se houvesse verdade na religião, ela não teria escapado àqueles que demonstraram tanta agudeza de intelecto no estudo da matemática.

Em seguida, quando ele toma conhecimento da incredulidade e da rejeição da religião por parte desses homens instruídos, conclui que rejeitar a reli-

gião é razoável. Quantos desses homens extraviados eu encontrei cujo único argumento era o que acaba de ser mencionado!

E supondo que alguém lhes faça a seguinte objeção: "Não se segue que um homem que se destaca em um ramo do conhecimento se destaca em todos os outros, nem que deva ser igualmente versado em jurisprudência, teologia e medicina. É possível ser completamente ignorante de metafísica e, ainda assim, ser um excelente gramático. Há grandes mestres em cada ciência que são inteiramente ignorantes de outros ramos do conhecimento. Os argumentos dos antigos filósofos são rigidamente demonstrativos na matemática e apenas conjeturais nas questões religiosas. Para verificar isso, é preciso proceder a um exame minucioso da matéria."

Supondo, digo eu, que alguém faça a objeção acima a esses "macacos da incredulidade", eles a acham desagradável. Caindo presas de suas paixões, de uma vaidade embrutecida e do desejo de se passar por homens instruídos, eles persistem em manter a preeminência dos matemáticos em todos os ramos do conhecimento.

Este é um mal grave e, por essa razão, aqueles que estudam matemática devem ser impedidos de ir longe demais em suas pesquisas. Pois, por mais distante que possa estar das coisas da religião, este estudo, servindo como serve de introdução aos sistemas filosóficos, lança sobre a religião sua influência maligna. Raramente um homem se dedica a ele sem se despojar de sua fé e descartar os freios da religião.

O segundo mal vem do muçulmano sincero, mas ignorante, que pensa que a melhor maneira de defender a religião é rejeitando todas as ciências exa-

tas. Acusando seus professores de estarem extraviados, ele rejeita suas teorias sobre os eclipses do sol e da lua, e os condena em nome da religião.

Essas acusações são levadas longe e amplamente, chegam aos ouvidos do filósofo que sabe que essas teorias repousam em provas infalíveis; longe de perder a confiança neles, ele acredita, pelo contrário, que o Islamismo tem a ignorância e a negação das provas científicas como sua base, e sua devoção à filosofia aumenta com o seu ódio à religião.

É, por conseguinte, um grande dano à religião supor que a defesa do Islamismo envolva a condenação das ciências exatas. A lei religiosa não contém nada que as aprove ou as condene, e elas, por sua vez, não fazem nenhum ataque à religião.

As palavras do Profeta: "O sol e a lua são dois sinais do poder de Deus; eles não se eclipsam pelo nascimento ou pela morte de ninguém; quando virdes estes sinais, refugiai-vos na oração e invocai o nome de Deus" — estas palavras, digo eu, não condenam de modo algum os cálculos astronômicos que definem as órbitas destes dois corpos, sua conjunção e oposição segundo leis particulares.

Mas quanto à chamada tradição: "Quando Deus Se revela em algo, Ele Se rebaixa a isso", ela não é autêntica e não se encontra em nenhuma coleção confiável das tradições.

Tal é o alcance e o possível perigo da matemática.

(2) Lógica. Esta ciência, da mesma forma, não contém nada a favor ou contra a religião. Seu objeto é o estudo de diferentes tipos de provas e silogismos, as condições que devem vigorar entre as premissas de uma proposi-

ção, a maneira de combiná-las, as regras de uma boa definição e a arte de formulá-la.

Pois o conhecimento consiste em concepções que brotam de uma definição ou em convicções que surgem de provas. Não há, por conseguinte, nada de censurável nesta ciência, e ela é aproveitada tanto por teólogos quanto por filósofos. A única diferença é que estes últimos usam um conjunto particular de fórmulas técnicas e levam suas divisões e subdivisões mais longe.

Pode-se perguntar: O que, então, isso tem a ver com as graves questões da religião, e com que fundamento se deveria oferecer oposição aos métodos da lógica? O opositor, dir-se-á, só pode inspirar no lógico uma opinião desfavorável sobre a inteligência e a fé de seu adversário, já que a fé deste último parece basear-se em tais objeções.

Mas, é preciso admitir, a lógica está sujeita a abusos. Os lógicos exigem no raciocínio certas condições que levam à certeza absoluta, mas quando tocam em questões religiosas, não podem mais postular essas condições, e deveriam, por conseguinte, relaxar seu rigor habitual.

Acontece, assim, que um estudante apaixonado pelos métodos de evidência da lógica, ouvindo seus mestres serem acusados de irreligião, acredita que essa irreligião repousa sobre provas tão fortes quanto as da lógica e, imediatamente, sem tentar o estudo da metafísica, compartilha do erro deles. Essa é uma desvantagem grave decorrente do estudo da lógica.

(3) Física. O objeto desta ciência é o estudo dos corpos que compõem o universo: o céu e as estrelas e, aqui embaixo, os elementos simples como o

ar, a terra, a água, o fogo e os corpos compostos — animais, plantas e minerais; as razões de suas mudanças, desenvolvimentos e misturas.

Pela natureza de suas pesquisas, ela está intimamente ligada ao estudo da medicina, cujo objeto é o corpo humano, seus órgãos principais e secundários, e a lei que rege suas mudanças.

A religião, não tendo falha a apontar na ciência médica, não pode justamente fazê-lo em relação à física, exceto em algumas matérias especiais que mencionamos na obra intitulada A Destruição dos Filósofos. Além dessas questões primárias, há algumas subordinadas dependentes delas, nas quais a ciência física está aberta a objeções.

Mas toda a ciência física repousa, como cremos, no seguinte princípio: A Natureza está completamente sujeita a Deus; incapaz de agir por si mesma, ela é um instrumento na mão do Criador; sol, lua, estrelas e elementos estão sujeitos a Deus e nada podem produzir por si mesmos. Em uma palavra, nada na natureza pode agir espontaneamente e separado de Deus.

⁂

(4) Metafísica. Este é o fértil terreno fértil dos erros dos filósofos. Aqui eles não podem mais satisfazer as leis da argumentação rigorosa como exige a lógica, e é isso que explica as disputas que surgem entre eles no estudo da metafísica.

O sistema mais intimamente relacionado ao sistema dos doutores maometanos é o de Aristóteles, conforme exposto para nós por Farabi e Avicena. A soma total de seus erros pode ser reduzida a vinte proposições: três delas são irreligiosas e as outras dezessete são heréticas. Foi para combater o sis-

tema deles que escrevemos a obra A Destruição dos Filósofos. As três proposições nas quais eles se opõem a todas as doutrinas do Islã são as seguintes:

(1) Os corpos não ressuscitam; apenas os espíritos serão recompensados ou punidos; as punições futuras serão, portanto, espirituais e não físicas. Eles estão certos em admitir punições espirituais, pois haverá tais punições; mas estão errados em rejeitar as punições físicas e contradizer dessa maneira as asserções da Lei Divina.

(2) "Deus toma conhecimento dos universais, não dos particulares." Isto é manifestamente irreligioso. O Alcorão afirma com verdade: "Nem o peso de um átomo no céu ou na terra pode escapar ao Seu conhecimento" (x. 62).

(3) Eles sustentam que o universo existe desde toda a eternidade e nunca terá fim.

Nenhuma dessas proposições jamais foi admitida pelos muçulmanos.

Ademais, eles negam que Deus tenha atributos e sustentam que Ele conhece apenas por Sua essência e não por meio de nenhum atributo acessório à Sua essência. Neste ponto, eles se aproximam da doutrina dos mutazilitas, doutrinas que não somos obrigados a condenar como irreligiosas. Pelo contrário, em nossa obra intitulada Critérios das diferenças que dividem o Islã do Ateísmo, provamos o erro daqueles que acusam de irreligião tudo o que se opõe à sua maneira de ver as coisas.

(5) Ciência Política. Os professores desta limitam-se a redigir as regras que regulam as matérias temporais e o poder real. Eles tomaram emprestadas

suas teorias sobre este ponto dos livros que Deus revelou aos Seus profetas e das sentenças de antigos sábios, recolhidas pela tradição.

(6) Filosofia Moral. Os professores desta ocupam-se em definir os atributos e qualidades da alma, agrupando-os segundo o gênero e a espécie, e indicando o caminho para moderá-los e controlá-los. Eles tomaram emprestado esse sistema dos sufis.

Esses homens devotos, que estão sempre ocupados em invocar o nome de Deus, em combater a concupiscência e em seguir o caminho de Deus renunciando aos prazeres deste mundo, receberam, enquanto em estado de êxtase, revelações a respeito das qualidades da alma, de seus defeitos e de suas más inclinações.

Essas revelações eles publicaram, e os filósofos, fazendo uso delas, as introduziram em seus próprios sistemas a fim de embelezar e dar circulação às suas falsidades. Nos tempos dos filósofos, como em qualquer outro período, existiram alguns desses místicos fervorosos.

Deus não priva este mundo deles, pois eles são os seus sustentadores e atraem para ele as bênçãos do céu, de acordo com a tradição: "É por eles que obteis chuva, é por eles que recebeis o vosso sustento." Tais foram "os Companheiros da Caverna", que viveram em tempos antigos, conforme relatado pelo Alcorão (xviii.).

Agora, essa mistura de doutrina moral e filosófica com as palavras do Profeta e as dos sufis dá origem a dois perigos, um para o defensor dessas doutrinas, o outro para o seu oponente.

O perigo para o seu oponente é grave. Um homem de mente estreita, encontrando nos escritos deles a filosofia moral misturada com teorias sem fundamento, acredita que deve rejeitá-los inteiramente e condenar aqueles que os professam. Tendo-os apenas ouvido de sua boca, ele não hesita em sua ignorância em declará-los falsos porque aqueles que os ensinam estão em erro.

É como se alguém rejeitasse a profissão de fé feita pelos cristãos, "Existe apenas um Deus e Jesus é Seu profeta", simplesmente porque ela provém dos cristãos e sem indagar se é a profissão desse credo ou a negação da missão profética de Maomé que torna os cristãos infiéis.

Ora, se eles são infiéis apenas por causa de sua rejeição do nosso profeta, não temos o direito de rejeitar aquelas de suas doutrinas que não trazem o selo da infidelidade. Em uma palavra, a verdade não deixa de ser verdadeira porque é encontrada entre eles.

Tal é, no entanto, a tendência das mentes fracas: elas julgam a verdade segundo os seus professores, em vez de julgar os seus professores pelo padrão da verdade.

Mas um espírito liberal tomará como seu guia esta máxima do Príncipe dos crentes, Ali, o filho de Abu Talib: "Não busque a verdade por meio dos homens; encontre primeiro a verdade e então reconhecerá aqueles que a seguem." Este é o procedimento seguido por um homem sábio.

Uma vez de posse da verdade, ele examina a base de várias doutrinas que se apresentam a ele e, quando as encontra verdadeiras, aceita-as sem se preocupar se a pessoa que as ensina é sincera ou enganadora. Muito antes, lem-

brando-se de como o ouro está enterrado nas entranhas da terra, ele se esforça para desvincular a verdade da massa de erros na qual está sepultada.

O ensaiador de moedas experiente mergulha sem hesitação a mão no bolso do cunhador de moedas falsas e, confiando na experiência, separa as moedas boas das más. É o rústico ignorante, e não o ensaiador experiente, que perguntará por que deveríamos ter algo a ver com um cunhador falso. O nadador inexperiente deve ser mantido longe da beira do mar, não o especialista em mergulho. A criança, e não o encantador, deve ser proibida de manusear serpentes.

⁂

De fato, os homens têm uma opinião tão boa de si mesmos, de sua superioridade mental e profundidade intelectual; acreditam-se tão hábeis em discernir o verdadeiro do falso, o caminho da segurança dos caminhos do erro, que se lhes deveria proibir tanto quanto possível a leitura dos escritos filosóficos, pois, embora às vezes escapem do perigo há pouco apontado, não podem evitar aquele que estamos prestes a indicar.

Algumas das máximas encontradas em minhas obras a respeito dos mistérios da religião encontraram opositores de uma classe inferior na ciência, cuja penetração intelectual é insuficiente para sondar tais profundezas.

Eles afirmam que essas máximas foram tomadas de empréstimo dos antigos filósofos, quando a verdade é que são o fruto de minhas próprias meditações, mas como diz o provérbio: “A sandália segue a pegada da sandália.” Algumas delas são encontradas em nossos livros de lei religiosa, mas a maior parte é derivada dos escritos dos sufis.

Mas mesmo que fossem tomadas de empréstimo exclusivamente das doutrinas dos filósofos, é correto rejeitar uma opinião quando ela é razoável em si mesma, apoiada por provas sólidas e não contradiz nem o Alcorão nem as tradições? Se adotarmos esse método e rejeitarmos toda verdade que por acaso tenha sido proclamada por um impostor, quantas verdades teríamos de rejeitar!

A quantos versículos do Alcorão e tradições dos profetas e discursos sufis e máximas de sábios teríamos de fechar nossos ouvidos porque o autor do Tratado dos Irmãos da Pureza os inseriu em seus escritos a fim de promover sua causa e a fim de desviar as mentes gradualmente para os caminhos do erro!

A consequência desse procedimento seria que impostores arrebatariam as verdades de nossas mãos a fim de embelezar suas próprias obras. O homem sábio, ao menos, não deveria fazer causa comum com o fanático cegado pela ignorância.

O mel não se torna impuro porque por acaso tenha sido colocado no copo que o cirurgião usa para fins de sangria. A impureza do sangue deve-se não ao seu contato com este copo, mas a uma peculiaridade inerente à sua própria natureza; essa peculiaridade, não existindo no mel, não pode ser comunicada a ele pelo fato de ser colocado no copo de sangria; por conseguinte, é errado considerá-lo impuro.

Tal é, no entanto, a maneira caprichosa de olhar para as coisas encontrada em quase todos os homens. Cada palavra que procede de uma autoridade que eles aprovam é aceita por eles, mesmo que fosse falsa; cada palavra que

procede de alguém de quem eles suspeitam é rejeitada, mesmo que fosse verdadeira.

Em todo caso, julgam a verdade segundo seus professores e não os homens segundo a verdade que professam, um ne plus ultra do erro. Tal é o perigo no qual a filosofia envolve seus oponentes.

O segundo perigo ameaça aqueles que aceitam as opiniões dos filósofos. Quando, por exemplo, lemos os tratados dos "Irmãos da Pureza" e outras obras do mesmo gênero, encontramos neles frases ditas pelo Profeta e citações dos sufis.

Aprovamos essas obras; damos a elas nossa confiança; e acabamos por aceitar os erros que contêm, devido à boa opinião que elas nos inspiraram logo no início. Assim, por graus imperceptíveis, somos desviados.

Em vista desse perigo, a leitura de escritos filosóficos tão cheios de utopias vãs e enganosas deveria ser proibida, assim como as margens escorregadias de um rio são proibidas para quem não sabe nadar. A leitura desses falsos ensinamentos deve ser impedida, assim como se impede que crianças toquem em serpentes.

O próprio encantador de serpentes se absterá de tocar em cobras na presença de seu filho pequeno, porque sabe que a criança, julgando-se tão esperta quanto seu pai, não deixará de imitá-lo; e a fim de dar mais peso à sua proibição, o encantador não tocará numa serpente diante dos olhos de seu filho.

Tal deveria ser a conduta de um homem erudito que é também sábio. Mas o encantador de serpentes, após ter pego a serpente e separado o veneno do

antídoto, tendo colocado este último de um lado e destruído o veneno, não deve recusar o antídoto àqueles que dele necessitam.

Da mesma forma, o ensaiador de moedas experiente, após ter colocado a mão no saco do falsificador, retirado as moedas boas e jogado fora as más, não deve recusar as boas àqueles que delas precisam e as pedem. Tal deveria ser a conduta do homem erudito.

Se o paciente sente uma certa aversão ao antídoto porque sabe que ele é tirado de uma cobra cujo corpo é o receptáculo do veneno, ele deve ser esclarecido de seu engano. Se um mendigo hesita em aceitar uma peça de ouro que sabe vir da bolsa de um falsificador de moedas, deve-se dizer a ele que sua hesitação é um puro erro que o privaria da vantagem que busca.

Deve-se provar a ele que o contato das moedas boas com as más não prejudica as primeiras e não melhora as últimas. Da mesma forma, o contato da verdade com a falsidade não transforma a verdade em falsidade, assim como não transforma a falsidade em verdade.

Isto é, portanto, o que temos a dizer a respeito dos inconvenientes e perigos que derivam do estudo da filosofia.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SUFISMO

✦

Quando terminei minha análise dessas doutrinas, dediquei-me ao estudo do Sufismo. Vi que, para compreendê-lo a fundo, é preciso combinar a teoria com a prática. O objetivo que os sufis colocam diante de si é o seguinte: libertar a alma do jugo tirânico das paixões, livrá-la de suas inclinações erradas e maus instintos, a fim de que, no coração purificado, reste apenas espaço para Deus e para a invocação de Seu santo nome.

Como era mais fácil aprender a doutrina deles do que praticá-la, estudei antes de tudo aqueles de seus livros que a contêm: O Alimento dos Corações, de Abu Talib de Meca, as obras de Hareth el Muhasibi e os fragmentos que ainda restam de Junaid, Shibli, Abu Yezid Bustami e outros líderes (cujas almas Deus santifique).

Adquiri um conhecimento profundo de suas pesquisas e aprendi tudo o que era possível aprender de seus métodos por meio do estudo e do ensino oral. Ficou claro para mim que o último estágio não poderia ser alcançado por mera instrução, mas apenas pelo arroubo, pelo êxtase e pela transformação do ser moral.

Definir a saúde e a saciedade, penetrar suas causas e condições, é algo completamente diferente de estar bem e satisfeito. Definir a embriaguez, saber que ela é causada por vapores que sobem do estômago e nublam a sede da inteligência, é algo muito diferente de estar bêbado.

O homem embriagado não tem ideia da natureza da embriaguez, justamente por estar bêbado e não ter condições de entender nada, ao passo que o médico, não estando sob a influência da embriaguez, conhece seu caráter e suas leis. Ou, se o médico adoece, ele tem um conhecimento teórico da saúde da qual está privado.

Da mesma forma, há uma diferença considerável entre conhecer a renúncia, compreender suas condições e causas, e praticar a renúncia e o desapego das coisas deste mundo. Vi que o Sufismo consiste em experiências mais do que em definições, e que o que me faltava pertencia ao domínio não da instrução, mas do êxtase e da iniciação.

As pesquisas às quais eu me havia dedicado, o caminho que eu havia percorrido ao estudar os ramos religiosos e especulativos do conhecimento, tinham me dado uma fé firme em três coisas — Deus, a Inspiração e o Juízo Final.

Esses três artigos fundamentais de crença se confirmaram em mim, não meramente por argumentos definitivos, mas por uma cadeia de causas, circunstâncias e provas que é impossível relatar.

Vi que só se pode esperar a salvação pela devoção e pela conquista das próprias paixões, um procedimento que pressupõe a renúncia e o desapego deste mundo de falsidade a fim de voltar-se para a eternidade e a meditação em Deus. Finalmente, vi que a única condição para o sucesso era sacrificar honras e riquezas e cortar os laços e apegos da vida terrena.

Chegando a considerar seriamente o meu estado, encontrei-me preso por todos os lados por esses entraves. Examinando minhas ações, as mais plausí-

veis das quais eram minhas ocupações como palestrante e professor, descobri para minha surpresa que estava absorvido em vários estudos de pouco valor e proveito nulo no tocante à minha salvação.

Sondei os motivos do meu ensino e descobri que, em vez de ser sinceramente consagrado a Deus, era apenas movido por um vão desejo de honra e reputação. Percebi que estava à beira de um abismo e que, sem uma conversão imediata, estaria condenado ao fogo eterno. Nesses reflexões passei muito tempo.

Ainda presa da incerteza, um dia eu decidia deixar Bagdá e renunciar a tudo; no dia seguinte, abandonava minha resolução. Avançava um passo e imediatamente recuava. De manhã, estava sinceramente resolvido a ocupar-me apenas da vida futura; à noite, uma multidão de pensamentos carnais assaltava e dispersava minhas resoluções.

De um lado, o mundo me mantinha preso ao meu posto nas correntes da cobiça; de outro lado, a voz da religião clamava para mim: "Levanta-te! Levanta-te! tua vida está chegando ao fim e tens uma longa jornada a fazer. Todo o teu pretenso conhecimento não passa de falsidade e fantasia. Se não pensas agora na tua salvação, quando pensarás nela? Se não quebras tuas correntes hoje, quando as quebrarás?"

Então minha resolução se fortalecia, eu desejava abandonar tudo e fugir; mas o Tentador, voltando ao ataque, dizia: "Estás sofrendo de um sentimento transitório; não te rendas a ele, pois logo passará. Se o obedeceres, se renunciares a esta bela posição, a este posto honroso isento de problemas e rivalidades, a este assento de autoridade a salvo de ataques, te arrependerás mais tarde sem poder recuperá-lo."

Assim permaneci, despedaçado pelas forças opostas das paixões terrenas e das aspirações religiosas, por cerca de seis meses a partir do mês de Rajab do ano de 1096 d.C. Ao final deles, minha vontade cedeu e entreguei-me ao destino. Deus fez com que um impedimento acorrentasse minha língua e me impedisse de lecionar.

Em vão desejei, no interesse dos meus alunos, continuar com meu ensino, mas minha boca ficou muda. O silêncio a que fui condenado lançou-me num desespero violento; meu estômago enfraqueceu; perdi todo o apetite; não conseguia nem engolir um pedaço de pão nem beber uma gota de água.

O enfraquecimento das minhas forças físicas foi tal que os médicos, desesperando de me salvar, disseram: "O mal está no coração e comunicou-se a todo o organismo; não há esperança a menos que a causa de sua profunda tristeza seja detida."

Por fim, consciente da minha fraqueza e da prostração da minha alma, refugiei-me em Deus como um homem no fim de suas forças e sem recursos. "Aquele que ouve os necessitados quando clamam" (Alcorão, xxvii. 63) dignou-se a me ouvir; Ele tornou fácil para mim o sacrifício de honras, riqueza e família.

Anunciei publicamente que pretendia fazer a peregrinação a Meca, enquanto secretamente resolvia ir para a Síria, não desejando que o Califa (que Deus o magnifique) ou meus amigos soubessem da minha intenção de me estabelecer naquele país. Inventei todo tipo de desculpas astutas para deixar Bagdá com a intenção firme de não voltar para lá.

Os imames do Iraque me criticaram unanimemente. Nenhum deles podia admitir que esse sacrifício tivesse um motivo religioso, porque consideravam minha posição a mais elevada alcançável na comunidade religiosa.

"Eis até onde vai o conhecimento deles!" (Alcorão, liii. 31). Surgiram todo tipo de explicações para a minha conduta. Aqueles que estavam fora dos limites do Iraque atribuíram isso ao medo que o Governo me inspirava.

Aqueles que estavam no local e viram como as autoridades desejavam me deter, o descontentamento delas com minha resolução e minha recusa ao pedido delas, disseram a si mesmos: "É uma calamidade que só se pode imputar a um destino que se abateu sobre os Fiéis e o Aprendizado!"

⁂

Por fim deixei Bagdá, renunciando a toda a minha fortuna. Apenas, como terras e propriedades no Iraque podem fornecer um fundo para fins piedosos, obtive uma autorização legal para preservar o quanto fosse necessário para o meu sustento e o de meus filhos; pois certamente não há nada mais legítimo no mundo do que um homem culto prover o suficiente para sustentar sua família.

Dirigi-me então para a Síria, onde permaneci por dois anos, os quais dediquei ao recolhimento, à meditação e a exercícios devotos. Pensava apenas no aperfeiçoamento pessoal, na disciplina e na purificação do coração pela oração, praticando as formas de devoção que os sufis me haviam ensinado.

Eu costumava levar uma vida solitária na Mesquita de Damasco e tinha o hábito de passar meus dias no minarete depois de fechar a porta atrás de mim.

De lá prossegui para Jerusalém e todos os dias me isolava no Santuário da Rocha. Depois disso senti o desejo de realizar a Peregrinação e receber uma plena efusão de graça visitando Meca, Medina e o Túmulo do Profeta. Após visitar o santuário do Amigo de Deus (Abraão), fui para o Hedjaz.

Finalmente, os anseios do meu coração e as orações dos meus filhos me trouxeram de volta ao meu país, embora no início eu estivesse tão firmemente resolvido a nunca mais revisitá-lo.

De qualquer modo, eu pretendia, se voltasse, viver ali solitário e em meditação religiosa; mas os acontecimentos, os cuidados familiares e as vicissitudes da vida mudaram minhas resoluções e perturbaram minha calma meditativa.

Por mais irregulares que fossem os intervalos que eu podia dedicar ao êxtase devocional, minha confiança nele não diminuía; e quanto mais eu era desviado por obstáculos, mais firmemente eu retornava a ele.

Dez anos se passaram dessa maneira. Durante meus sucessivos períodos de meditação, foram-me reveladas coisas impossíveis de relatar. Tudo o que direi para a edificação do leitor é isto: aprendi de fonte segura que os sufis são os verdadeiros pioneiros no caminho de Deus; que não há nada mais belo do que sua vida, nem mais louvável do que sua regra de conduta, nem mais puro do que sua moralidade.

A inteligência dos pensadores, a sabedoria dos filósofos, o conhecimento dos mais doutos doutores da lei em vão combinariam seus esforços a fim de modificar ou melhorar sua doutrina e sua moral; seria impossível. Com os

sufis, o repouso e o movimento, exterior ou interior, são iluminados com a luz que procede do Resplendor Central da Inspiração.

E que outra luz poderia brilhar na face da terra? Em uma palavra, o que se pode criticar neles? Purgar o coração de tudo o que não pertence a Deus é o primeiro passo em seu método catártico. A elevação do coração pela oração é a sua pedra angular, assim como o brado "Allahu Akbar" (Deus é grande) é a pedra angular da oração, e o último estágio é o estar perdido em Deus.

Digo o último estágio no tocante ao que pode ser alcançado por um esforço de vontade; mas, para dizer a verdade, é apenas o primeiro estágio na vida de contemplação, o vestíbulo pelo qual os iniciados entram.

A partir do momento em que empreendem esse caminho, começam para eles as revelações. Eles chegam a ver no estado de vigília anjos e almas de profetas; ouvem suas vozes e sábios conselhos.

Por meio dessa contemplação de formas e imagens celestiais, eles se elevam gradualmente a alturas que a linguagem humana não pode alcançar, que não se pode sequer indicar sem cair em erros grandes e inevitáveis.

O grau de proximidade da Divindade que alcançam é considerado por alguns como intermistura de ser (haloul), por outros como identificação (ittihād), por outros como união íntima (wasl). Mas todas essas expressões estão erradas, como explicamos em nossa obra intitulada O Objetivo Principal. Aqueles que atingiram esse estágio deveriam limitar-se a repetir o verso —

O que vivencio não tentarei dizer;

Chama-me feliz, mas não me perguntes mais.

Em suma, aquele que não chega à intuição dessas verdades por meio do êxtase, conhece apenas o nome da inspiração. Os milagres operados pelos santos são, de fato, meramente as primeiras formas de manifestação profética. Tal era o estado do Apóstolo de Deus quando, antes de receber sua missão, retirou-se ao Monte Hira para se entregar a tamanha intensidade de oração e meditação que os árabes diziam: "Maomé tornou-se apaixonado por Deus."

Esse estado, por conseguinte, pode ser revelado ao iniciado no êxtase e, àquele que é incapaz de êxtase, pela obediência e pela atenção, com a condição de que frequente a sociedade dos sufis até chegar, por assim dizer, a uma iniciação imitativa. Tal é a fé que se pode obter permanecendo entre eles, e a convivência com eles nunca é dolorosa.

Mas mesmo quando estamos privados da vantagem de sua sociedade, podemos compreender a possibilidade desse estado (revelação por meio do êxtase) por uma cadeia de provas manifestas. Explicamos isso no tratado intitulado Maravilhas do Coração, que faz parte da nossa obra, O Renascimento das Ciências Religiosas.

A certeza derivada de provas é chamada de "conhecimento"; passar para o estado que descrevemos é chamado de "arroubo"; crer na experiência de outros e na transmissão oral é "fé". Tais são os três graus de conhecimento, como está escrito: "O Senhor elevará a diferentes níveis aqueles dentre vós que creram e aqueles que receberam d'Ele o conhecimento" (Alcorão, lviii. 12).

Mas atrás daqueles que creem vem uma multidão de pessoas ignorantes que negam a realidade do Sufismo, ouvem discursos sobre ele com ironia

incrédula e tratam como charlatões aqueles que o professam. A essa multidão ignorante aplica-se o verso: “Há entre eles aqueles que vêm te ouvir e, quando te deixam, perguntam àqueles que receberam o conhecimento: ‘O que ele acabou de dizer?’ Estes são aqueles cujos corações Deus selou com cegueira e que apenas seguem suas paixões.”

Entre o número de convicções que devo à prática da regra sufi está o conhecimento da verdadeira natureza da inspiração. Este conhecimento é de tão grande importância que passo a expô-lo em detalhes.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A REALIDADE DA INSPIRAÇÃO: SUA IMPORTÂNCIA PARA O GÊNERO HUMANO

✦

A substância do homem, no momento de sua criação, é uma mônada simples, desprovida do conhecimento dos mundos sujeitos ao Criador, mundos cujo número infinito só Ele conhece, como diz o Alcorão: "Só o teu Senhor conhece o número dos Seus exércitos."

O homem chega a esse conhecimento com a ajuda de suas percepções; cada um de seus sentidos lhe é dado para que compreenda o mundo das coisas criadas, e pelo termo "mundo" entendemos as diferentes espécies de criaturas. O primeiro sentido revelado ao homem é o tato, por meio do qual ele percebe certo grupo de qualidades: o calor, o frio, o úmido, o seco.

O sentido do tato não percebe cores e formas, que para ele são como se não existissem. Vem em seguida o sentido da visão, que o faz conhecer as cores e as formas, isto é, aquilo que ocupa o grau mais alto no mundo das sensações. Segue-se o sentido da audição, e depois os sentidos do olfato e do paladar.

Quando o ser humano consegue elevar-se acima do mundo dos sentidos, por volta dos sete anos de idade, recebe a faculdade do discernimento; entra então numa nova fase da existência e pode experimentar, graças a essa faculdade, impressões superiores às dos sentidos, que não ocorrem na esfera da sensação.

Passa depois a outra fase e recebe a razão, pela qual distingue as coisas necessárias, possíveis e impossíveis; numa palavra, todas as noções que não podia combinar nas fases anteriores de sua existência.

Mas além da razão, e num nível mais alto, é-lhe concedida uma nova faculdade de visão, pela qual percebe as coisas invisíveis, os segredos do futuro e outros conceitos tão inacessíveis à razão quanto os conceitos da razão são inacessíveis ao simples discernimento, e o que o discernimento percebe é inacessível aos sentidos.

Assim como o homem que possui apenas o discernimento rejeita e nega as noções adquiridas pela razão, também certos racionalistas rejeitam e negam a noção de inspiração. É uma prova de sua profunda ignorância; pois, em vez de argumentar, eles simplesmente negam a inspiração como uma esfera desconhecida e sem existência real.

Do mesmo modo, um cego de nascença, que não sabe nem por experiência nem por informação o que são cores e formas, não as conhece nem as compreende quando alguém lhe fala delas pela primeira vez.

Deus, querendo tornar inteligível aos homens a ideia de inspiração, deu-lhes uma espécie de vislumbre dela no sono. De fato, o homem percebe, enquanto dorme, as coisas do mundo invisível, seja claramente manifestas, seja sob o véu da alegoria, a ser levantado depois pela interpretação.

Se, contudo, alguém dissesse a uma pessoa que nunca tivesse experimentado esses sonhos que, num estado de letargia semelhante à morte e durante a completa suspensão da visão, da audição e de todos os sentidos, um homem pode ver as coisas do mundo invisível, essa pessoa protestaria e

procuraria provar a impossibilidade dessas visões com algum argumento como este: "As faculdades sensitivas são as causas da percepção. Ora, se só se podem perceber certas coisas quando se está em plena posse dessas faculdades, tanto mais impossível é percebê-las quando essas faculdades estão suspensas."

A falsidade de tal argumento é demonstrada pela evidência e pela experiência. Pois, assim como a razão constitui uma fase particular da existência, na qual se percebem conceitos intelectuais ocultos aos sentidos, também a inspiração é um estado especial no qual o olho interior descobre, revelados por uma luz celeste, mistérios fora do alcance da razão.

As dúvidas levantadas a respeito da inspiração referem-se (1) à sua possibilidade, (2) à sua existência real e efetiva, (3) à sua manifestação nesta ou naquela pessoa.

Provar a possibilidade da inspiração é provar que ela pertence a uma categoria de ramos do conhecimento que não podem ser alcançados pela razão. O mesmo acontece com a ciência médica e a astronomia. Quem as estuda é obrigado a reconhecer que derivam unicamente da revelação e da graça especial de Deus. Alguns fenômenos astronômicos só ocorrem uma vez em mil anos; como, então, podemos conhecê-los pela experiência?

O mesmo podemos dizer da inspiração, que é um dos ramos do conhecimento intuitivo. Além disso, a percepção de coisas que estão além do alcance da razão é apenas uma das características próprias da inspiração, que possui muitas outras.

A característica que mencionamos é apenas, por assim dizer, uma gota d'água no oceano, e a mencionamos porque as pessoas experimentam algo análogo a ela nos sonhos e nas ciências da medicina e da astronomia. Esses ramos do conhecimento pertencem ao domínio dos milagres proféticos, e a razão não pode alcançá-los.

Quanto às outras características da inspiração, elas só se revelam aos iniciados no sufismo e num estado de arrebatamento extático. O pouco que sabemos sobre a natureza da inspiração devemos à espécie de semelhança com ela que encontramos no sono; sem isso, seríamos incapazes de compreendê-la e, por consequência, de crer nela, pois a convicção resulta da compreensão.

O processo de iniciação no sufismo mostra essa semelhança com a inspiração desde o início. Há nele uma espécie de êxtase proporcional à condição do iniciado, e um grau de certeza e de convicção que não pode ser alcançado pela razão. Este único fato basta para nos fazer crer na inspiração.

Passamos agora às dúvidas relativas à inspiração de um profeta em particular. Não chegaremos à certeza neste ponto senão averiguando, seja pelo testemunho dos próprios olhos, seja por uma tradição confiável, os fatos relativos a esse profeta.

Quando tivermos averiguado a verdadeira natureza da inspiração e passarmos ao estudo sério do Alcorão e das tradições, saberemos então com certeza que Muhammad é o maior dos profetas. Depois disso, devemos fortalecer nossa convicção verificando a verdade de sua pregação e o efeito salutar que ela exerce sobre a alma.

Devemos verificar na experiência a verdade de sentenças como estas: "Quem conforma sua conduta ao seu conhecimento recebe de Deus mais conhecimento"; ou esta: "Deus entrega ao opressor aquele que favorece a injustiça"; ou ainda: "Quem, ao levantar-se pela manhã, tem uma só preocupação (agradar a Deus), Deus o preservará de toda preocupação neste mundo e no outro."

Quando tivermos verificado essas sentenças na experiência milhares de vezes, estaremos de posse de uma certeza sobre a qual a dúvida não pode ter domínio. Tal é o caminho que devemos percorrer para compreender a verdade da inspiração. Não se trata de descobrir se um cajado se transformou em serpente ou se a lua se partiu em duas.

Se considerarmos os milagres isoladamente, sem as inúmeras circunstâncias que os acompanham, correremos o risco de confundi-los com a magia e a falsidade, ou de vê-los como um meio de desviar os homens, como está escrito: "Deus desvia e dirige a quem Ele quer" (Alcorão, xxxv. 9); e nos veremos envolvidos em todas as dificuldades que a questão dos milagres levanta.

Se, por exemplo, crermos que a eloquência do estilo é prova de inspiração, é possível que um estilo eloquente, composto com esse objetivo, nos inspire uma falsa crença na inspiração de quem o maneja. O sobrenatural deve ser apenas um dos elementos que formam nossa crença, sem que confiemos demais neste ou naquele detalhe.

Devemos antes nos parecer com uma pessoa que, sabendo de um fato por um grupo de pessoas, não consegue apontar este ou aquele homem como

quem lhe deu a notícia e que, não distinguindo entre eles, não consegue explicar com precisão como se formou sua convicção a respeito do fato.

⁂

Tais são as características da certeza científica. Quanto ao arrebatamento que permite aos homens ver a verdade e, por assim dizer, tocá-la, só os sufis o conhecem. O que acabo de dizer sobre a verdadeira natureza da inspiração basta para o objetivo a que me propus. Talvez eu volte ao assunto mais tarde, se for necessário.

Passo agora às causas da decadência da fé e mostro os meios de trazer de volta os que se extraviaram e de preservá-los dos perigos que os ameaçam. Para os que duvidam por estarem impregnados da doutrina dos ta'limitas, meu tratado intitulado A Balança Justa oferece um guia suficiente; por isso, é desnecessário voltar ao assunto aqui.

Quanto às teorias vãs dos ibahat, eu as agrupei em sete classes e as expliquei na obra intitulada Alquimia da Felicidade. Para aqueles cuja fé foi minada pela filosofia, a ponto de negarem a realidade da inspiração, provamos a verdade e a necessidade dela, buscando nossas provas nas propriedades ocultas dos remédios e dos corpos celestes.

É para eles que escrevemos este tratado, e o motivo de buscarmos provas nas ciências da medicina e da astronomia é que essas ciências pertencem ao domínio da filosofia. Todos os ramos do conhecimento de que nossos adversários se gabam — astronomia, medicina, física e adivinhação — fornecem-nos argumentos em favor do Profeta.

Quanto aos que, professando uma fé de lábios no Profeta, adulteram a religião com a filosofia, na verdade negam a inspiração, pois, a seu ver, o Profeta é apenas um sábio que um destino superior designou como guia dos homens, e essa opinião desmente a verdadeira natureza da inspiração.

Crer no Profeta é admitir que há, acima da inteligência, uma esfera na qual se revelam à visão interior verdades que estão além do alcance da inteligência, assim como as coisas vistas não são apreendidas pelo sentido da audição, nem as coisas compreendidas pelo do tato.

Se nosso adversário nega a existência de tal região superior, podemos provar-lhe não só a sua possibilidade, mas a sua realidade. Se, ao contrário, admite a sua existência, reconhece ao mesmo tempo que há nessa esfera coisas que a razão não pode apreender; mais ainda, que a razão rejeita como falsas e absurdas.

Suponhamos, por exemplo, que o fato de ocorrerem sonhos durante o sono não fosse tão comum e notório como é: nossos sábios não deixariam de repudiar a afirmação de que os segredos do mundo invisível podem ser revelados enquanto os sentidos estão, por assim dizer, suspensos.

Também, se se dissesse a um deles: "É possível que haja no mundo uma coisa tão pequena quanto um grão, que, levada para dentro de uma cidade, possa destruí-la e depois destruir a si mesma, de modo que nada reste nem da cidade nem dela?", "Certamente", exclamaria ele, "isso é impossível e ridículo." Tal é, no entanto, o efeito do fogo, que certamente seria contestado por quem não o tivesse visto com os próprios olhos. Ora, a recusa em crer nos mistérios da outra vida é da mesma espécie.

Quanto à quarta causa da propagação da incredulidade — a decadência da fé por causa do mau exemplo dado pelos sábios —, há três maneiras de detê-la.

(1) Pode-se responder assim: "O sábio que você acusa de desobedecer à lei divina sabe que desobedece, como você sabe quando bebe vinho, cobra usura ou se permite a maledicência, a mentira e a calúnia. Você conhece o seu pecado e cede a ele, não por ignorância, mas porque é dominado pela concupiscência. O mesmo acontece com o sábio. Quantos creem nos médicos e não se abstêm de frutas e de água fria quando um médico as proíbe rigorosamente! Isso não prova que essas coisas não sejam perigosas, nem que a sua fé no médico não estivesse solidamente estabelecida. Erros semelhantes da parte dos sábios devem ser atribuídos unicamente à sua fraqueza."

(2) Ou ainda, pode-se dizer a um homem simples e ignorante: "O sábio conta com o seu conhecimento como provisão para a outra vida. Ele crê que o seu conhecimento o salvará e intercederá em seu favor, e que a sua superioridade intelectual lhe dará direito à indulgência; enfim, que, se o seu conhecimento aumenta a sua responsabilidade, também pode dar-lhe direito a um grau maior de consideração. Tudo isso é possível; e, mesmo que o sábio tenha descuidado da prática, ele pode ao menos apresentar as provas do seu conhecimento.

Mas você, pobre insensato, se, como ele, descuidar da prática, desprovido como é de conhecimento, perecerá sem nada que interceda em seu favor."

(3) Ou pode-se responder, e esta razão é a verdadeira: "O verdadeiro sábio só peca por descuido, e não permanece num estado de impenitência. Pois o verdadeiro conhecimento mostra que o pecado é um veneno mortal e que

o outro mundo é superior a este. Convencido dessa verdade, o homem não deve trocar o precioso pelo vil. Mas o conhecimento de que falamos não deriva de fontes acessíveis ao esforço humano, e é por isso que o progresso no simples conhecimento mundano torna o pecador mais endurecido em sua revolta contra Deus.

O verdadeiro conhecimento, ao contrário, inspira a quem nele é iniciado mais temor e mais reverência, e ergue uma barreira de defesa entre ele e o pecado. Ele pode escorregar e tropeçar, é verdade, como é inevitável para quem está cercado pela fraqueza humana, mas esses escorregões e tropeços não enfraquecerão a sua fé. O verdadeiro muçulmano sucumbe às vezes à tentação, mas se arrepende e não persevera obstinadamente no caminho do erro.

Rogo a Deus Onipotente que nos coloque nas fileiras dos Seus escolhidos, entre aqueles a quem Ele dirige no caminho da salvação, a quem Ele inspira fervor para que não O esqueçam; a quem Ele purifica de toda mancha, para que nada reste neles senão Ele mesmo; sim, entre aqueles em quem Ele habita por completo, para que não adorem a nenhum outro além d'Ele.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0